

Proj. D. Noémina de Jesus e Jesus Pe-
reira Barros



VOZ



DA

GRAÇA



NODEIRINHO (3270 Pedrógão Grande)

Propriedade da Igreja Paroquial da Graça

(Depósito Legal n.º 236/82)

MENSÁRIO - (AVENÇA)

ANO XXX - N.º 342
15 de Abril de 1991

Director e Fundador
P.º ANÍBAL HENRIQUES COELHO
Telefone 43224 - Ind. 036

Composição e impressão:
Gráfica Almondina / Torres Novas
Telefone 21399

Preço: série de 12 núme-
ros, um ano - 500\$00

O Presidente BUSH e as Tentações do Deserto

A Guerra do Golfo, que para muitos poderia parecer improvável e mesmo evitável dada a desproporção das forças militares em presença de ambos os lados e pela aparente insignificância que representava a ocupação do Kuwait pelo Iraque no contexto político internacional (tratava-se dum conflito regional), tornou-se de facto uma horrível realidade, sendo o alvo da atenção mundial ao longo das várias semanas que durou o conflito. Mas será que acabou a Guerra do Golfo? Quais foram, na realidade, os motivos que levaram os americanos a atacarem e destruírem toda uma nação pacífica — o Iraque?

A primeira pergunta é simples de responder: evidentemente que a Guerra do Golfo ainda nem sequer começou! Assiste-se no Médio Oriente a duas situações iguais tratadas hipocritamente de forma diferente — o Kuwait é invadido pelo Iraque, a população é maltratada e sujeita a sevícias e espoliações durante seis meses, o Conselho de Segurança da O.N.U., com a complacência de Perez de Cuellar, autoriza a intervenção militar para a «libertação do Kuwait» (não a destruição do Iraque!) e o Presidente George Bush ordena a mobilização de todos os seus poderosos meios bélicos mais modernos e com uma ajudinha dos velhos aliados (e primos!) de sua Majestade Britânica e dos bons serviços da França, resolvem com mais meia dúzia de países fantoches, incluindo Portugal, arrasar o Iraque e assassinar impunemente mais de 80 000 civis inocentes num dos mais selvagens e violentos bombardeamentos aéreos da História, que não poupam populosos bairros residenciais, escolas, hospitais, depósitos de água, centrais eléctricas, pontes, enfim... tudo serviu para fazer tiro ao alvo como se gabaram os pilotos americanos! Um autêntico genocídio, vergonha do mundo ocidental, em nome da «democracia e do direito internacional»! E isto para não falar nos mais de 100 000 soldados iraquianos chacinados a sangue frio nas trincheiras do deserto, sob uma chuva de bombas incendiárias de NAPALM, produto químico proibido pela Convenção de Genebra.

Por outro lado, os sionistas de Israel ocupam, maltratam, roubam e assassinam a conta-gotas, há mais de 25 anos os povos da Palestina, da faixa de Gaza e da Cisjordânia, sem que ninguém mexa um dedo para resolver o conflito israelo-árabe! E não admira pois que, apesar de inúmeras resoluções da O.N.U. sobre a questão palestiniana, ninguém ousa tocar na filial dos Estados Unidos no Médio Oriente — ISRAEL!

São pois dois pesos e duas medidas para solucionar um mesmo problema — o da unidade árabe que o Ocidente pretende sabotar tentando destruir a multifacetada cultura islâmica, isto é, dividir para reinar sobre o petróleo!

Mas, quais são afinal os motivos desta Guerra?

Continua na pág. 3

RESUMO DA HISTÓRIA DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO ... MEMORIAL...

Quando alguém que passe pela primeira vez em frente do frontispício da vetusta Capela de Nossa Senhora da Consolação, repara naturalmente para uma lápide ali existente, procurando decifrar na sua inscrição, todo o seu conteúdo, que perpetua a memória do Deão de Lamego, fundador daquele magnífico Templo; a data de 1656 em que o mesmo foi construído e aos proventos de duração contínua que aquele benfeitor

teria legado à Santa, para a celebração de 25 missas por ano e um bode às crianças, no dia da Festa, em honra da Santa.

Com os poucos elementos que possuo, para levar a efeito a biografia mais detalhada do Deão de Lamego, pois que me baseio apenas na legenda descrita na citada lápide e simultaneamente nos limites da lenda e da história, esses valores, que ao longo dos anos, passam de geração em

geração, sem nunca serem apagados, apurei que Deão, era naquele tempo, possuir o título honorífico, merecido por um membro do clero, considerado um superior na hierarquia eclesiástica, que normalmente presidia às reuniões de Cónegos.

Esteve durante algum tempo a cumprir a sua missão cristã, em Lamego, porque esta cidade, sob o ponto de vista católico foi desde os tempos remotos, um local de atracção de multidões de peregrinos, que para ali conver-

Continua na pág. 3

VOLTA AO MUNDO

ESPAÑA — O embaixador do Iraque, em Espanha, pediu asilo político ao Governo espanhol.

Encontra-se sob a protecção da Polícia. Foi reforçada a vigilância nas principais fronteiras da Europa e a várias instalações americanas e inglesas.

RÚSSIA — As 6 repúblicas que se recusaram ao Referendo, ficam sujeitas aos efeitos do «sim» maioritário, das outras nove. Justo?

FUNCHAL — Mário Soares receberá o Papa João Paulo II,

na Ilha da Madeira, com as honras próprias de uma visita de Estado. Ainda, em 21 de Março, não foi confirmada a presença do Primeiro Ministro, Cavaco Silva.

Quando chegar à Madeira, o Papa irá viajar numa viatura portuguesa, um jipe. Tudo ideia do madeirense engenheiro Abel Spínola que «sonhou de noite para fazer de dia». O jipe será transformado segundo as normas do Vaticano, porque o Papa não pode andar num carro qualquer.

ESTARREJA — A Polícia Ju-

diciária deteve os três presumíveis responsáveis pela tortura e morte de mais de 50 bovinos nesta região — os magafes Américo e Paulo António, irmãos, de 27 e 19 anos, de Veiros, e um cunhado, Joaquim, de 30 anos, de Salreu. Os dois primeiros já terão confessado os factos.

«Violadores de vacas», pois a morte era provocada pela introdução de um ferro na vagina, ou no ânus do animal, de cujos ferimentos sobrevinha a morte.

Continua na pág. 6

Mais do que Zóilos, os universitários a que se refere o Professor Reis Brasil, na sua análise, são paranóicos

Não posso deixar de manifestar uma agradável surpresa pelo facto de ver na «Voz da Graça», o bem conhecido nome das letras portuguesas, professor Reis Brasil.

Tenho bem presente o aparato das montras da Baixa Lisboeta, ornamentadas com a sua fotografia, entre vários livros e um, em destaque, de ensaios sobre «Os Lusíadas».

O facto aconteceu, em qualquer data importante, relacionada com os descobrimentos e foi tão falado, que não resisti à tentação de me deslocar à Câmara de Loures, onde sabia pela imprensa, que aquele ilustre escritor iria fazer uma conferência.

Confesso-me incluído entre as muitas centenas de pessoas, que ouviram arrebatados, a interpretação lógica e sensibilizante, desse imortal poema que, são «Os Lusíadas».

Reis Brasil, que nunca se submeteu às regras anti-populares do regime salazarista, foi uma das vozes da razão, que por largo tempo, após o 25 de Abril, deixaram de se ouvir. Nem outra coisa seria de esperar, como aliás aconteceu com muitos outros, que não querendo pactuar com a irracionalidade nascente, na impossibilidade de a impedir, se conservaram contrários às prisões arbitrárias, às ocupações selvagens e, enfim, a toda a destruição, das

por J. Baptista Nunes

melhores regras sociais de conduta tradicional, mas aprovadas pela consciência racional em relação ao futuro.

Ele viu, como todos viram, essa espécie de seres semi-pensantes, programados para raciocinar ao nível do subconsciente «freudiano», vindos talvez da estepe russa, com passagem paga pelas colónias portuguesas, justamente em luta pela independência, chegarem, em revoada, à velha Lisboa peninsular.

Continua na pág. 3

ANIVERSÁRIO DA «VOZ DA GRAÇA»

VINTE E NOVE ANOS!

O nosso jornal nasceu no mês de Abril de 1962. Com o seu número 341, completou 29 anos de vida. Com o presente n.º 342 Abril de 1991, entra no seu 30.º ano de existência, agora com melhores esperanças de vida tranquila. Continuamos a contar com o precioso auxílio dos nossos bons assinantes, preciosos colaboradores e leitores devotados, mesmo apaixonados pela leitura do nosso Mensário da «Voz da Graça».

A marcha continua com verdadeira coragem, até ao fim do 30.º aniversário, pelo menos. E depois veremos, com fé de boa continuação do nosso mensageiro.

A todos o nosso muito obrigado.
Viva a «Voz da Graça»!

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial de Pedrógão Grande

A cargo de Segundo Ajudante: *Leonilde da Conceição Fernandes Simões Dias Moreira*

CERTIFICO que por escritura de 19 de Março de 1991, lavrada no Livro de Notas para escrituras Diversas n.º 3-C, de fls. 13 verso e seguintes, deste Cartório Notarial, Isautino Rodrigues e esposa Élia da Conceição Almeida e Antunes Rodrigues, casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais da freguesia e concelho de Castanheira de Pera, onde residem no lugar de Sarzedas de São Pedro, declararam que são donos legítimos possuidores com exclusão de outrem dos seguintes prédios:

Situados na Freguesia e Concelho de Pedrógão Grande

Número Um – Terreno de pinhal e mato no sítio do Vale das Lousas, com a área de dois mil e setenta metros quadrados, a confrontar do norte com João Antunes Henriques, sul com Joaquim Moreira, nascente com Albino António e outros e poente com Isidro Tomás Almeida; inscrito na matriz rústica sob o artigo SETE

MIL DUZENTOS E QUARENTA E OITO, com o rendimento colectável de cento e trinta e cinco escudos e o valor patrimonial de três mil quinhentos e sessenta e quatro escudos;

Número Dois – Terreno de pinhal e mato, no sítio do Vale das Golpas, com a área de dois mil quinhentos e oitenta metros quadrados, a confrontar do norte com o viso, sul com Aníbal Pedroso Rosa, nascente com Manuel Jacinto Tomás e poente com Artur do Carmo Reis; inscrito na matriz rústica sob o artigo SETE MIL QUATROCENTOS E QUARENTA E NOVE, com o rendimento colectável de cento e sessenta e sete escudos e o valor patrimonial de quatro mil quatrocentos e nove escudos;

Número Três – Terreno de pinhal e mato, no sítio do Covão Redondo, com a área de dois mil cento e oitenta metros quadrados, a confrontar do norte com Ramiro Nunes, sul e poente com Manuel Lourenço e nascente com o viso; inscrito na matriz rústica sob o artigo SETE MIL QUATROCENTOS E SEXTENTA E SETE, com o rendimento colectável de cento e quarenta e um escudos e o valor patrimonial de três mil setecentos e vinte e três escudos;

Número Quatro – Terreno de pinhal e mato, no sítio do Espigão, com a área de seis mil metros quadrados, a confrontar do norte com Cipriano Bernardo da Silva e outros, sul com a Ribeira de Pera, nascente com Júlio Nunes Prata e outros e poente com Adelaide da Conceição Dias; inscrito na matriz rústica sob o artigo SETE MIL NOVECIENTOS E NOVENTA E TRÊS, com o rendimento colectável de duzentos e três escudos e o valor patrimonial de cinco mil trezentos e sessenta escudos;

Número Cinco – Terreno de pinhal e mato, no sítio do Espigão, com a área de seis mil metros quadrados, a confrontar do norte com Júlio Nunes Prata, sul com a Ribeira de Pera, nascente com herdeiros de Manuel Bernardo Antunes Pinto e poente com Manuel José Dinis; inscrito na matriz rústica sob o artigo SETE MIL NOVECIENTOS E NOVENTA E QUATRO, com o rendimento colectável de cento e cinquenta e dois escudos e o valor patrimonial de quatro mil e treze escudos;

Número Seis – Terreno de pinhal e mato, no sítio do Barroco dos Servos, com a área de oito mil e quatrocentos metros quadrados, a confrontar do norte com Rosa Maria Almeida e Silva, sul com a mesma, nascente com herdeiros de Manuel Bernardo Antunes Pinto e poente com Manuel José Dinis; inscrito na matriz rústica sob o artigo SETE MIL NOVECIENTOS E NOVENTA E CINCO, com o rendimento colectável de trezentos e cinquenta e um escudos

e o valor patrimonial de nove mil duzentos e sessenta e sete escudos;

Número Sete – Terreno de pinhal e mato, no sítio do Barroco dos Servos, com a área de sete mil metros quadrados, a confrontar do norte com Serafim das Neves, com a área de sete mil metros quadrados, a confrontar do norte com Serafim das Neves, sul com Rosa Maria Almeida Silva, nascente com herdeiros de Manuel Bernardo Antunes Pinto e poente com Manuel José Dinis; inscrito na matriz rústica sob o artigo SETE MIL NOVECIENTOS E NOVENTA E SETE, com o rendimento colectável de trezentos e trinta escudos e o valor patrimonial de oito mil setecentos e doze escudos;

Número Oito – Terreno de pinhal e mato, no sítio do Barroco dos Servos, com a área de seis mil setecentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte com Raul Antunes Pinto, sul com Gil Bernardo da Silva, nascente com herdeiros de Manuel Bernardo Antunes Pinto e poente com Raul Pinto; inscrito na matriz rústica sob o artigo SETE MIL NOVECIENTOS E NOVENTA E OITO, com o rendimento colectável de trezentos e cinquenta escudos e o valor patrimonial de nove mil duzentos e quarenta escudos;

Número Nove – Terreno de pinhal e mato, no sítio do Carvalhal, com a área de quarenta e cinco mil novecentos e setenta metros quadrados, a confrontar do norte com Joaquim Matias e outros, sul com o Regueiro, nascente com Lúcio Fernandes e outros, poente com Lina Antunes Pinto e outros; inscrito na matriz rústica sob o artigo OITO MIL E QUARENTA E TRÊS, com o rendimento colectável de dois mil seiscentos e cinquenta e dois escudos e o valor patrimonial de setenta mil e treze escudos;

Número Dez – Terreno de cultura com oliveiras, videiras, pinhal e mato, no sítio do Valeiro, com a área de sete mil oitocentos e vinte metros quadrados, a confrontar do norte e poente com Manuel José Dinis, sul com Joaquim Caetano e nascente com Lúcio Fernandes; inscrito na matriz rústica sob o artigo OITO MIL E QUARENTA E QUATRO, com o rendimento colectável de quatrocentos e oitenta e dois escudos e o valor patrimonial de doze mil setecentos e vinte e cinco escudos;

Número Onze – Terreno de cultura com oliveiras, e pinhal e mato, no sítio da Ameixoeira, com a área de mil duzentos e trinta e cinco metros quadrados, a confrontar do norte com Cristina Carvalho Anjos, sul com Lúcio Fernandes, nascente e poente com o Viso; inscrito na matriz rústica sob o artigo OITO MIL E SETENTA E OITO, com o rendimento co-

lectável de quarenta e três escudos e o valor patrimonial de mil cento e trinta e seis escudos;

Número Doze – Terreno de cultura com oliveiras e mato de acácias, no sítio da Ameixoeira, com a área de seiscentos e dez metros quadrados, a confrontar do norte com Gil Bernardo da Silva, sul com Ventura Bernardo da Silva, nascente e poente com os visos; inscrito na matriz rústica sob o artigo OITO MIL E SETENTA E NOVE, com o rendimento colectável de trinta e três escudos e o valor patrimonial de oitocentos e setenta e dois escudos;

Número Treze – Terreno de pinhal e mato de acácias, no sítio do Barroco dos Servos, com a área de sete mil duzentos e oitenta metros quadrados, a confrontar do norte com Gil Bernardo da Silva, sul com Júlio Nunes Prata, nascente com herdeiros de Manuel Bernardo Antunes Pinto e poente com Manuel José Dinis; inscrito na matriz rústica sob o artigo SETE MIL NOVECIENTOS E NOVENTA E SEIS, com o rendimento colectável de duzentos e sessenta e quatro escudos e o valor patrimonial de seis mil novecentos e setenta escudos;

Situados na Freguesia de Vila Facaia, Concelho de Pedrógão Grande

Número Catorze – Terreno de pinhal e mato, no sítio do Alto da Alagôa, com a área de quatro mil cento e trinta metros quadrados, a confrontar do norte com Valentim Coelho da Fonseca e outros, sul com Manuel Dinis, nascente com Manuel Henriques e poente com Manuel Dias Rosa e outros; inscrito na matriz rústica sob o artigo TRÊS MIL DUZENTOS E QUARENTA E SEIS, com o rendimento colectável de duzentos sessenta e um escudos e o valor patrimonial de seis mil oitocentos e noventa e um escudos;

Número Quinze – Terreno de pinhal e mato, no sítio do Alto da Alagôa, com a área de mil e duzentos metros quadrados, a confrontar do norte com José Antunes Barreto, sul com José Antunes, nascente com a Barroca e poente com Lúcio Coelho da Fonseca; inscrito na matriz rústica sob o artigo TRÊS MIL DUZENTOS E CINQUENTA, com o rendimento colectável de setenta e sete escudos e o valor patrimonial de dois mil e trinta e três escudos.

Todos os prédios atrás mencionados estão omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho de Pedrógão Grande e inscritos na matriz em nome do justificante marido.

Está conforme.

Pedrógão Grande, 22 de Março de 1991.

O Ajudante,
(assinatura ilegível)

Uma terra sem um jornal é como um farol sem luz

Cernache do Bonjardim



FALECIMENTO

Vítima de doença súbita, faleceu, no passado dia 2 de Março, o Sr. ANTÓNIO RAFAEL DE JESUS MATIAS, de 63 anos de idade, casado com a Sr.ª D. Maria do Carmo do Nascimento Matias. Natural de Lisboa, era pai do Sr. Fernando Manuel do Nascimento Matias, casado com a Sr.ª D. Maria do Amparo Pereira Matias, residentes na cidade do Porto e da Sr.ª D. Maria do Rosário Nascimento Matias Godinho, casada com o Sr. Prof. Carlos Manuel da Silva Godinho, nosso amigo, assinante e colaborador, residentes em Atalaia Cimeira.

Aposentado do Quadro Geral de Adidos, residia em Cernache do Bonjardim, desde 1976, após 40 anos ao serviço do Instituto do Café de Angola, 14 dos quais em Luanda. Foi também Assistente em Física Nuclear junto da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda, em regime de Comissão de Serviço.

Dedicava-se nos últimos 16 anos a trabalhos de pesquisa e investigação na área da Electrónica Geral, Rádio e Televisão e ficou de alguma forma ligada à iniciativa de lançamento duma rádio local em Cernache do Bonjardim, com a ajuda e colaboração doutros técnicos amigos, da qual viria a nascer, pouco depois, a RÁDIO CONDESTÁVEL. Granjeou desta forma inúmeras amizades que perdurarão no tempo, pela invocação da sua memória.

O Director e colaboradores de «VOZ DA GRAÇA» endereçam à família enlutada as suas sentidas condolências.

VENDE-SE

Casa antiga, com planta de reconstrução, na Travessa Fonte de Guimarães, n.º 11-13, Figueiró dos Vinhos.

Trata Manuel de Jesus Godinho – Atalaia Fundeira – Graça.

Serralharia Pedroguense

Caixilharia de alumínio anodizado e lacado, espelhos, etc.

Consulte-nos. Temos a melhor qualidade e ao melhor preço.

Av.ª Dr. F.º Sá Carneiro
Telef. 036/45324

3270 Pedrógão Grande

«Voz da Graça»

Publicação Mensal

Redacção e Administração:
Nodelirinho/3270 Pedrógão Grande

Director:

Aníbal Henriques Coelho

Fotocomp., montagem, impressão:
Gráfica Almondina
Torres Novas

Preço: 500\$00, por 12 meses;

Tiragem mensal de 2000 ex.

RESUMO DA HISTÓRIA DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO

Continuação da 1.ª pág.

giam vindos dos mais variados pontos de Portugal e não só, para se incorporarem nas grandes solenidades religiosas, entre as quais há a distinguir os festejos em honra de Nossa Senhora dos Remédios, que actualmente ainda ali são realizados com grande esplendor e enriquecidos com a existência arquitectónica dos seus belos monumentos religiosos, tais como a Sé e outros.

Mas o Deão de Lamego, era ao mesmo tempo, um político e um Liberal, que não via com bons olhos a ocupação de Portugal, pela Espanha, que por tal motivo e sabendo que a sua cabeça estava a prêmio, resolveu sair dali e acolher-se no Convento da Luz, em Pedrogão Grande.

Percorreu enfim o longo caminho a pé, como peregrino, pedindo esmola, por onde passava para não ser detectada a sua personalidade.

Todavia ao chegar ao Convento, foi grande a sua decepção, ao encontrar ali o padre Granada, que ele já conhecia, mas considerava-o um espião a favor de Filipe III, que então governava Portugal.

Com receio de alguma represália por parte daquele, resolveu procurar um sítio secreto para viver e escolheu para o efeito, o Paisouso, por considerar, ser este local, de segurança para a sua pessoa.

Ali viveu durante algum tempo e só depois da revolução de 1 de Dezembro de 1640 em que Portugal expulsou as tropas espanholas e recuperou a sua dependência, o Deão de Lamego saiu do seu esconderijo e retomou a sua actividade em franca liberdade.

Sendo natural desta região,

a avaliar pela descrição da citada lápide, diz a tradição que habitara também nos Escalos do Meio, numa casa solarenga, que ele teria mandado construir, a qual, recentemente, ruíu parcialmente. Seria no decurso do tempo que ali vivera que o Deão de Lamego, mandou construir a Capela e a devotou em honra de Nossa Senhora da Consolação. A tal casa solarenga, foi mais tarde propriedade de Vicente Pedroso que a passou a habitar mas que normalmente, passava a sua vida em Lisboa, onde exercia a venda ambulante de tecidos de brim saragoças e outros, dos quais se abastecia num armazém da especialidade, na Capital.

Como porém deixasse de assumir os seus compromissos para com o fornecedor, este moveu-lhe uma Acção Judicial num tribunal de Lisboa, que mandou arrolar os seus bens, constituídos pela tal casa e terreno anexo, que foram leiloados em Hasta Pública e arrematados pelo avô materno do seu actual proprietário, que então trabalhava em Lisboa, como padeiro e veio mais tarde a exercer a mesma profissão nos Escalos do Meio, de onde era natural.

Mas há no entanto quem admita que a casa onde habitara o Deão de Lamego, não fora aquela de que venho falando, mas sim uma outra, situada nas Casas de Além — ao favacal, mas que qualquer destas opiniões — convergem para que o Deão de Lamego, tivesse morado nos Escalos do Meio.

Entre outros haveres que hipoteticamente o Deão de Lamego, teria legado à Santa, para com os seus proventos se celebrarem para sempre 25 missas por ano e um bodo às crianças no dia da Festa,

figurava um terreno ao Paisouso e outro ao Vale do Areiro, este dos limites dos Escalos do Meio, proventos esses que eram recebidos pelos mordomos, para que se cumprisse a vontade do doador, na celebração das missas.

Mas mais tarde o terreno do Paisouso, foi aforado a uma pessoa ali residente em troca de alguns alqueires de cereais e outros haveres, a pagar anualmente.

Esta situação manteve-se porém durante algumas décadas, em que o aforado, ia entregando habitualmente o contratual. Mas tratando-se de uma pessoa de perspicácia apurada, conseguiu sempre manter boas relações com o povo dos Escalos do Meio, para que através dessa amizade ilusória... pudesse um dia registar o terreno em seu nome, como veio a acontecer pela posse de usucapião, sem a menor oposição de ninguém.

Contudo tenho de dizer em abono da verdade e segundo estou informado que tanto aquele que foi o aforado como seu filho que faleceu recentemente, ofereceram sempre enquanto vivos uma apreciável esmola à Santa, no dia da Festa, constituída em dinheiro, gesto este que pode ser interpretado como a continuação voluntária do contratual do valor do foro que foi extinto.

Este exemplo, segundo se me consta, têm ao mesmo modo sido seguido pelo filho deste último, que é emigrante no Canadá. Pois que assim continue com essa acção tão digna e patriótica.

Porque, repare-se bem. Nossa Senhora, parece que sorri amorosamente do Alto do Seu Altar, para todos aqueles que dão as suas esmolmas por devoção ou altruísmo ou que tenham necessidade de implorar o seu valimento.

Quanto ao terreno do Vale do Areiro, há cerca de 20 anos, foi registado em nome do seu actual proprietário, em virtude das novas matrizes prediais rústicas, que declarou ter contribuído nessa data com determinada verba, para a Santa e recebida pelos mordomos de então.

Terminara nesta data o rendimento do legado, mas os paroquianos, conscienciosos da exiguidade desse rendimento, vinham já contribuindo generosamente para as restantes despesas com a Festa, celebração das missas, obras da Capela etc., mas que no entanto as missas, não têm sido celebradas com a mesma assiduidade como era no tempo do padre José Ferreira, como é desejado por todos os paroquianos e além disso têm havido uma certa preocupação por a sua Festa anual não ter sido realizada com a mesma frequência anterior.

Presentemente e ao que sei, o espólio da Santa é constituído apenas pela Sua Capela e terrenos anexos do Arraial, mas chamo a atenção para se ter o cuidado de a

qualquer título, alguém os comece a debicar de um lado ou de outro, de forma a reduzir-lhe a superfície ou outro valor. Ainda sobre o legado há quem ventile de que a Quinta ou parte dela, constituíssem também parte do mesmo, mas sobre o assunto, respiguei o seguinte: Tanto a Quinta como a citada casa solarenga e terreno anexo, formaram em tempo uma só propriedade, que era separada pelo barroco, que era coberto com loisas e pertencera aos sogros do tal Vicente mas aqueles ao terem conhecimento do novo proprietário do terreno anexo com receio que este se apoderasse de uma faixa do terreno da Quinta, destaparam a cobertura do citado barroco, como

ainda se encontra, ficando por ali a perpetuar a extrema da quinta e a propriedade do arrematador. Foi naturalmente, que devido a este acontecimento, que fez correr o boato de que a Quinta ou parte dela pertencesse ao legado, mas isto é só uma suposição, porque muito embora, tal tivesse sucedido, de concreto nada se sabe.

Ao concluir este rude trabalho, sinto já o elevado peso da crítica, das pessoas mais cotadas, à qual me submeto, pedindo desculpa de alguma afirmação menos exacta, que tenha de ser corrigida em abono da verdade.

Novembro de 1990.

António da Rosa

O Presidente Bush e as Tentações do Deserto

Continuação da 1.ª pág.

Também não é difícil sabê-los: o controle do petróleo do Kuwait, da Arábia Saudita, dos Emiratos e agora até do Iraque deve ficar nas mãos de americanos, ingleses e franceses, por interpostos governos fantoches de corruptos emires e ditadores pró-ocidentais, pensando que com esta estratégia podem solucionar os graves problemas das suas economias já em franca recessão. O controle do Golfo Pérsico e em particular do estreito de Ormuz, visa evitar o colapso das economias ocidentais, em especial da americana e europeia. Mas esta suposição que o petróleo é a solução de todos os problemas do Mundo dito civilizado pode revelar-se muito brevemente um fiasco, enquanto não se resolver o problema da Palestina, de Timor, do Afeganistão, do Panamá, de Angola e Moçambique, onde americanos e russos pretendem deter interesses inconfessáveis e inimagináveis, por baixo custo!

A segunda grande razão para esta Guerra foi, sem dúvida, o ensaio no terreno das modernas armas de destruição maciça, dotadas de sistemas electrónicos de precisão — satélites espíes, aviões, mísseis, bombas, tanques e navios. É que desde a 2.ª Guerra Mundial que não se experimentavam novas armas e os estrategas militares ansiavam há muito por um pretexto para as ensaiar a sério! E o Iraque (podia ser qualquer outro país do Globo) pagou com sangue a jorras a sua ousadia de bater o pé aos «polícias ianques» e seus lacaios ocidentais. Há pois que fomentar guerras para vender armas e as mais recentes «maravilhas da morte» são ocidentais e ultrapassam tudo o que se tenha inventado no Pacto de Varsóvia! É uma vergonha ter que reconhecer o «Occidente civilizado» como o «pai de todas as guerras». Por quanto tempo mais?...

Há ainda quem defenda que existe também uma componente religiosa para a Guerra do Golfo e que o «espírito das Cruzadas de Urbano II e S. Luís», para além de libertar o Santo Sepulcro e os Lugares Santos, visava também o sangue, neste caso a riqueza dos árabes. O actual massacre dos inocentes é uma cópia moderna das antigas matanças dos infiéis pelos Cruzados que, depois de deixarem penduradas as cabeças dos mouros nas ameias dos castelos iam, seraficamente, ouvir missa!!!

Mas, longe de solucionados os problemas do Médio Oriente, eles vão realmente começar agora: a sublevação dos xiitas no sul do Iraque, o levantamento dos povos curdos no norte iraquiano, as lutas da resistência pela verdadeira democracia contra os emires corruptos do Kuwait, da Arábia Saudita e dos Emiratos Árabes Unidos, a luta pelo derrube dos ditadores da Síria e do Egipto e Marrocos, nunca serão solucionados por máquinas de guerra mas com negociações sensatas e um maior respeito pelos povos árabes, afinal a grande razão para o fundamentalismo islâmico defendida pelo Irão, a próxima potência regional que não agrada aos americanos.

A Guerra do Golfo foi o ponto final nas tentações do grande deserto que Bush sonhou um dia poder controlar e o princípio do fim das grandes superpotências — a União Soviética desagrega-se dia a dia nas contradições do socialismo científico e da luta de classes e os Estados Unidos morrem lentamente devorados pelo seu próprio capitalismo selvagem, emaranhados numa recessão económica que nem a indústria de armamento consegue evitar, sob a bandeira das estrelas do próximo século! Afinal, nada é eterno!... C. S.

Mais do que Zóilos, os universitários a que se refere o Professor Reis Brasil, na sua análise, são paranóicos

Continuação da 1.ª pág.

Viu como esses seres, carentes de massa cinzenta, caíam sobre a estátua de Camões, bicando os excrementos de pomba e esgravando o pedestal sem o poder destruir, com vivas a Samora Machel e morras ao grande vate.

Ele admite certamente, como eu admito, que esses seres semipensantes, promoveram sancamentos, nas Faculdades de Letras, nos órgãos de Informação (jornais, rádio e televisão), nos centros culturais, oficiais e particulares e neles se disfarçaram, com pose de mestres.

São esses agora, certamente, que por falta de capacidade e inventando riquezas no sonho e no subconsciente «freudiano», aprovam e promovem a escrita automática e, enfim, toda a espécie de paranóia, no campo cultural.

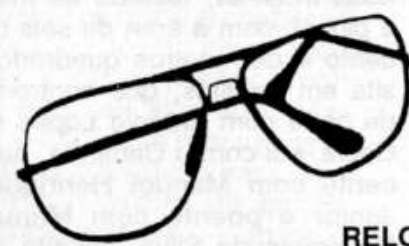
É também neste sentido, que tem de ser vista a análise do livro «Musa Brincalhona», feita por esse grande ensaísta, escritor, conferencista e professor, Reis Brasil.

Diz ele, nessa análise, que o livro «põe de sobreaviso os portugueses de lei, para verem até onde

chega o avassalador reino da mediocridade, para nos fazer cientes de uma dura verdade: uma grande maioria dos que se orgulham dos seus títulos universitários é formada por uma plêiade de gente que nunca devia ter passado o exame da 4.ª classe... em que as boas excepções só servem para confirmar a regra. A universidade (falando no seu conjunto) está a desacreditar a cultura portuguesa».

É também evidente, segundo a análise de Dr. Reis Brasil, «o predomínio dos zóilos armados em doutores que protegem o macaquismo e o psitacismo». Quanto a mim, acrescento que são eles que dão cobertura à escrita automática e ao plágio, hoje muito em voga, o que significa que, excremento de pombo, não pode substituir a massa cinzenta.

Julgo que, para deixarmos de ter uma cultura paranóica a nível de todas as artes e letras, será necessário levar a efeito o projecto da entrada na CEE (uma Fundação para Avaliar as Universidades), nome, aliás, já proposto pelo Ministério da Educação, conforme o jornal «O Público», de 13 de Novembro transacto.



ÓPTICA

RELOJOARIA — OURIVESARIA

De: FERNANDO LOURENÇO DOS SANTOS

Máquinas de costura simples e automáticas para todos os fins. Assistência grátis e permanente.

Máquinas de escrever portáteis e comerciais e de calcular, com e sem rolo.

Telefone 5 21 05 — 3260 Figueiró dos Vinhos

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial do Concelho de Figueiró dos Vinhos

A cargo da Notária Licenciada, **Marta Maria Ferreira Agria Forte**

Certifico para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas número trinta e sete-B, de folhas sessenta e nove, se encontra exarada uma escritura de Justificação Notarial com data de onze de Março corrente, na qual **MANUEL COELHO DA SILVA** e mulher **HERMÍNIA MARIA**, casados sob o regime de comunhão geral, naturais da freguesia de Vila Facaia, concelho de Pedrógão Grande, onde residem habitualmente no lugar das Várzeas, DECLARARAM:

Que são com exclusão de outrem donos e legítimos possuidores dos vinte e quatro prédios que se encontram descritos numa relação organizada nos termos do Artigo setenta e oito do Código do Notariado que aqui dou como inteiramente reproduzida, que faz parte integrante desta escritura, e que arquivo.

Que os referidos prédios vieram à titularidade deles primeiros outorgantes por os haverem possuído em nome próprio durante mais de vinte anos sem a menor oposição de quem quer que seja desde o início, posse que sempre exerceram ostensivamente com o conhecimento de toda a gente da freguesia e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno, cultivando as terras de cultura, apanhando os frutos e a azeitona, plantando e cortando árvores, extraindo a resina dos pinhais, roçando mato, habitando e zelando a casa, extraindo de cada um dos prédios todas as suas utilidades, pelo que sendo uma posse pacífica, pública, contínua e de boa fé durante aquele período de tempo, adquiriram os prédios por usucapião.

Nestas circunstâncias impossibilitados estão eles primeiros outorgantes de comprovar pelos meios extrajudiciais normais a aquisição dos referidos prédios para o efeito de os registarem a seu favor na Conservatória do Registo Predial respectiva.

Relação de bens organizada nos termos do artigo setenta e oito do Código do Notariado para instruir a escritura de justificação em que são justificados Manuel Coelho da Silva e mulher Hermínia Maria, residentes no lugar das Várzeas, freguesia de Vila Facaia, concelho de Pedrógão Grande

Prédios situados na freguesia de Vila Facaia, concelho de Pedrógão Grande

Um – Uma morada de casas com a superfície coberta de vinte e cinco metros quadrados, sita em Várzeas, que confronta de norte e nascente com Abílio Dias de Carvalho, sul e poente com a Rua, inscrito na matriz sob o artigo 489, com o valor patrimonial de mil trezentos e

vinte e seis escudos, ao qual atribuem o valor de quinze mil escudos.

Dois – Terreno de pinhal, mato, e terra de cultura com sete oliveiras, videiras e duas fruteiras, com a área de dois mil setecentos e sessenta metros quadrados, sita em Ribeira do Moinho, que confronta de norte com Alberto Henriques e outro, sul e poente com Manuel Lourenço e nascente com Estêvão Nunes Laia, inscrito na matriz sob o artigo 1.754, com o valor patrimonial de cinco mil quinhentos e dezoito escudos, ao qual atribuem o valor de quarenta mil escudos.

Três – Terreno de pinhal e mato com a área de setecentos metros quadrados, sito em Riscas, que confronta de norte com Manuel Henriques Júnior, sul com José Nunes Laia, nascente com Emília Maria, e poente com Maria Rosa Fonseca, inscrito na matriz sob o artigo 1.839, com o valor patrimonial de mil duzentos e quinze escudos, ao qual atribuem o valor de cinco mil escudos.

Quatro – Terreno de pinhal e mato com a área de mil cento e cinquenta e quatro metros quadrados, sito em Riscas, que confronta de norte com José Antunes Barreto, sul e nascente com Joaquim da Silva e poente com Manuel da Silva José e outro, inscrito na matriz sob o artigo 1.860, com o valor patrimonial de mil novecentos e cinquenta e quatro escudos, ao qual atribuem o valor de cinco mil escudos.

Cinco – Terra de mato com a área de mil e quatrocentos metros quadrados, sita em Pousios, que confronta de norte e poente com Manuel Coelho da Silva, nascente com Manuel Coelho da Silva e outros e sul com Emídio Rodrigues Coelho, inscrito na matriz sob o artigo 1.881, com o valor patrimonial de cento e oitenta e cinco escudos, ao qual atribuem o valor de dez mil escudos.

Seis – Terreno de mato com a área de duzentos e quarenta metros quadrados, sito em Pousios, que confronta de norte e poente com Manuel Henriques Júnior, sul com o Caminho e nascente com Deolinda Maria, inscrito na matriz sob o artigo 1.882, com o valor patrimonial de cinquenta e três escudos, ao qual atribuem o valor de cinco mil escudos.

Sete – Terra de cultivo com doze oliveiras, cem videiras, duas fruteiras, testada de mato e pinhal, com a área de seis mil cento e dez metros quadrados, sita em Pousios, que confronta de norte com António Lopes da Costa, sul com o Caminho, nascente com Manuel Henriques Júnior e poente com Manuel Henriques da Silva, inscrito na matriz sob o artigo 1.883, com o valor patrimonial de oito mil novecentos e cinquenta escudos, ao qual atribuem o valor de vinte mil escudos.

Oito – Terreno de pinhal e mato com a área de mil cento e noventa metros quadrados, sito

em Pousios, que confronta de norte e nascente com Manuel Coelho da Silva, poente com António Rodrigues Antunes e do sul com Caminho, inscrito na matriz sob o artigo 1.888, com o valor patrimonial de dois mil e sete escudos, ao qual atribuem o valor de cinquenta mil escudos.

Nove – Terra de cultura com duas oliveiras e uma fruteira, com a área de noventa metros quadrados, sito em Barrocas, que confronta de norte com Deolinda Maria, sul com António Augusto, nascente com Casas do proprietário e poente com as mesmas, inscrito na matriz sob o artigo 1.975, com o valor patrimonial de quatrocentos e vinte e três escudos, ao qual atribuem o valor de cinco mil escudos.

Dez – Terra de cultura com cinco oliveiras e mato com a área de duzentos e noventa metros quadrados, sita em Barrocas, que confronta de norte com António da Silva, sul com José Alves Bebbiano, nascente com o Caminho e poente com Albano José, inscrito na matriz sob o artigo 2.049, com o valor patrimonial de duzentos e trinta e oito escudos, ao qual atribuem o valor de três mil escudos.

Onze – Terra de cultura com sete oliveiras, com a área de trezentos e sessenta e cinco metros quadrados, sito em Barrocas, que confronta de norte com Albino José, sul com Manuel Augusto Coelho, nascente com o Caminho e poente com Manuel A. Morgado, inscrito na matriz sob o artigo 2.051, com o valor patrimonial de seiscentos e trinta e quatro escudos, ao qual atribuem o valor de cinco mil escudos.

Doze – Terra de cultura com dez oliveiras e uma figueira, com a área de novecentos e oito metros quadrados, sito em Cinseiro, que confronta de norte com o Caminho, sul com Manuel D. Carvalho, nascente com Manuel Augusto e poente com o Caminho, inscrito na matriz sob o artigo 2.150, com o valor patrimonial de trezentos e quarenta e quatro escudos, ao qual atribuem o valor de três mil escudos.

Treze – Terreno de pinhal e mato com a área de quinhentos e quarenta metros quadrados, sito em Corgo, que confronta de norte com Januário Dias, sul com Manuel A. Morgado, nascente com o Caminho e poente com Eduardo Rodrigues Paiva e outros, inscrito na matriz sob o artigo 2.204, com o valor patrimonial de novecentos e vinte e quatro escudos, ao qual atribuem o valor de cinco mil escudos.

Catorze – Terreno de pinhal e mato com a área de mil duzentos e cinquenta metros quadrados, sito em Corgo, que confronta de norte com a Estrada, sul com António D. Carvalho, Herdeiros, nascente com José Quevedo e poente com Manuel Augusto, inscrito na matriz sob o artigo 2.221, com o valor pa-

trimonial de dois mil cento e doze escudos, ao qual atribuem o valor de oito mil escudos.

Quinze – Terra de cultura e testada de mato, tem vinte e três oliveiras e sessenta videiras e uma fruteira, que tem a área de dois mil trezentos e trinta e cinco metros quadrados, sita em Vale das Joanas, que confronta de norte com Manuel Augusto e outro, sul com Manuel Augusto, nascente com o Caminho e poente com a Serventia, inscrito na matriz sob o artigo 2.271, com o valor patrimonial de cinco mil novecentos e sessenta e sete escudos, ao qual atribuem o valor de vinte e cinco mil escudos.

Dezasseis – Terra de cultura com dez videiras, com a área de setenta metros quadrados, sita em Vale das Joanas, que confronta de norte com Manuel Lourenço, sul com António Quevedo, nascente com Emília Maria e poente com Manuel Augusto, inscrito na matriz sob o artigo 2.274, com o valor patrimonial de quatrocentos e vinte e três escudos, ao qual atribuem o valor de dois mil escudos.

Dezassete – Terreno de pinhal e mato com a área de mil e trinta metros quadrados, sito em Portámos, que confronta de norte com António Lopes da Costa, sul com o Caminho, nascente com José Quevedo, e poente com José Nunes Laia e outro, inscrito na matriz sob o artigo 2.289, com o valor patrimonial de mil setecentos e quarenta e três escudos, ao qual atribuem o valor de dez mil escudos.

Dezoito – Terreno de pinhal e mato com a área de novecentos metros quadrados, sito em Vale do Pereiro, que confronta do norte com Albino José, sul com António D. Piedade, nascente com Manuel Dinis Carvalho e poente com José Quevedo, inscrito na matriz sob o artigo 2.645, com o valor patrimonial de mil quinhentos e cinco escudos, ao qual atribuem o valor de quinze mil escudos.

Dezanove – Terreno de pinhal e mato com a área de mil quatrocentos e quarenta metros quadrados, sito em Vale do Pereiro, inscrito na matriz sob o artigo 2.660, que confronta de norte com José Nunes Laia, sul com Manuel Lourenço, nascente com José Quevedo e poente com Luís Quevedo, com o valor patrimonial de dois mil quatrocentos e vinte e nove escudos, ao qual atribuem o valor de oito mil escudos.

Vinte – Terreno de pinhal e mato com a área de oitocentos metros quadrados, sito em Terrinhas, que confronta de norte com Albano Inácio Francisco, sul com José Quevedo, nascente com Domingos João e poente com António Lopes da Costa, inscrito na matriz sob o artigo 3.806, com o valor patrimonial de mil trezentos e quarenta e sete escudos, ao qual atribuem o valor de sete mil escudos.

Vinte e um – Terreno de pinhal e mato com a área de seiscentos e cinquenta metros quadrados, sito em Ribeiro Calvo, que confronta de norte com António Dias, sul com António Lopes da Costa, nascente com Eduardo Augusto e poente com a Estrada, inscrito na matriz sob o artigo 3.925, com o valor patrimonial de seiscentos e oitenta e sete escudos, ao qual atribuem o valor de quatro mil escudos.

Vinte e dois – Terreno de pinhal e mato com a área de oitocentos e cinquenta metros qua-

drados, sito em Ribeiro Calvo, que confronta de norte com o Viso, sul com Amador de Abreu Simões, nascente com Alfredo Coelho da Silva e poente com Eugénio Nunes Graça, inscrito na matriz sob o artigo 3.951, com o valor patrimonial de mil e trinta escudos, ao qual atribuem o valor de quatro mil escudos.

Vinte e três – Terreno de pinhal e mato com a área de oitocentos e cinquenta metros quadrados, sito em Ribeiro Calvo, que confronta de norte com Viso, sul com Amador de Abreu Simões, nascente com Alberto Mendes e poente com Manuel Coelho da Silva, inscrito na matriz sob o artigo 3.952, com o valor patrimonial de mil e trinta escudos, ao qual atribuem o valor de quatro mil escudos.

Vinte e quatro – Uma sétima parte indivisa de uma terra de cultura com vinte e cinco oliveiras, sito em Pousios, com a área total de quatrocentos e oitenta metros quadrados, que confronta no todo de norte com Amândio Rodrigues, Herdeiros, sul com António Rodrigues Antunes, poente com o mesmo e nascente com a Barroca, inscrito na matriz sob o artigo 1.873, com o valor patrimonial correspondente à fracção de duzentos e oitenta e dois escudos, ao qual atribuem o valor de quatro mil escudos.

São comproprietários deste prédio na proporção de um sétimo cada um o Sr. Eugénio Nunes Graça e mulher Emília Maria Nunes, casados sob o regime de comunhão geral, naturais ele da freguesia da Graça, concelho de Pedrógão Grande, e ela da freguesia de Vila Facaia, do mesmo concelho, onde residem habitualmente no lugar das Várzeas, e o Sr. Alberto Mendes e mulher Eugénia Maria, casados sob o regime de comunhão geral, naturais ele da freguesia e concelho de Figueiró dos Vinhos, onde residem habitualmente no lugar de Ervideira, e ela da freguesia de Vila Facaia, concelho de Pedrógão Grande. E na proporção de quatro sétimos o Sr. Emídio Coelho Rodrigues e mulher Mabilde da Conceição, casados sob o regime de comunhão geral, naturais da freguesia de Vila Facaia, concelho de Pedrógão Grande, onde residem habitualmente no lugar das Várzeas.

Todos os prédios se encontram omissos na Conservatória do Registo Predial de Pedrógão Grande e todos se encontram inscritos na matriz em nome do justificante marido.

Cartório Notarial do concelho de Figueiró dos Vinhos, aos onze de Março de mil novecentos e noventa e um.

(seguem-se as assinaturas)

A Notária,

Marta Maria Ferreira Agria Forte

Está conforme.

Cartório Notarial do concelho de Figueiró dos Vinhos, 11 de Março de 1991.

O Ajudante,

Constantino Agria Baptista

VOLTA AO MUNDO

Continuação da 1.ª pag.

Um dos proprietários lesados foi o Sr. Bispo do Porto, D. Júlio Rebimbas. Os criminosos poderão ser condenados a 10 anos de prisão.

GOLFO PÉRSICO — O conflito no Golfo, impediu que Saddam Hussein adquirisse um complicado e rico serviço em porcelana, de Limoges, com incrustações de ouro, no alto valor de um milhão de dólares.

Hussein desistiu da encomenda depois de ter invadido o KUWEIT, em 2 de Agosto de 1990.

A tal encomenda implicava um serviço de vários milhares de peças, com incrustações de ouro, sobre as quais deveriam figurar as armas do Iraque.

SABROSA — Num casebre isolado, no lugar dos Louvados, só com duas horas de diferença, morreu um casal de velhinhos, com a idade de 85 anos, ele António Júlio (António Ar e Vento) e ela, Sara Rebelo. Quando pensaram tirá-los daquele buraco para uma dependência da casa da Junta, a fim de melhor serem tratados, ele se apagou, vítima de trombose. E ela ainda dizia: «Não me tirem daqui». Não resistiu à separação e duas horas depois morria ela também. Unidos até à morte...

PORTIMÃO — O Presidente da C.M., PS, ordenou o embargo de obras, na luxuosa casa «fascista» de Mário Soares, no Vau, obras há muito começadas, sem requerimento de licença camarária! Não satisfeito com uma piscina, outra está em projecto, no Vau. São estes os bons exemplos do alto.

NODEIRINHO — No domingo, dia 10 de Março, na Capela de N.ª S.ª do Leite, fez-se o recenseamento dos fiéis que assistiram à Missa e apurou-se que estiveram presentes cerca de 70 pessoas entre homens e mulheres, crianças e adultos. Neste ano de 1991, o contributo penitencial dos fiéis, nesta referida Capela, atingiu 45.657\$50.

PEDRÓGÃO GRANDE — No dia 14 de Março, o Ex.º e Rev.º Senhor D. João Alves, Venerado Bispo de Coimbra, deslocou-se a esta Vila. Almoçou com o Rev.º Pároco, P.º João da Cruz Conceição. Presidiu a uma reunião do Conselho Pastoral. Às 18 horas, celebrou Missa e fez uma prática, na Igreja Paroquial. Visitou o Lar dos Idosos e a Casa da Criança.

Às 20 horas, foi homenageado com um jantar no «Lago Verde».

RÚSSIA — No domingo, dia 17 de Março, 200 milhões de eleitores foram às urnas para dizer *Sim* ou *Não*, sobre a União das Repúblicas soberanas da União Soviética. Uma escassa maioria disse «Sim», dando força a Gorbachev. Houve grande abstenção de eleitores.

Vira-se o feitiço contra o feitiço. Todos querem a independência.

COIMBRA — Até ao dia 17 de Março, a subscrição para as grandes obras de restauro do Seminário, antígio a verba de 55.313.784\$50. Só através do jornal «Voz da Graça» as ofertas foram mil e doze contos e noventa escudos. O Povo é generoso, na sua maioria. Ainda bem.

KUWEIT — Os prejuízos causados neste país pela invasão dos iraquianos são superiores a 200 mil milhões de contos. Fantástico!

O EMIR — Decidiu atribuir à França 13.6 milhões de contos «pelo seu esforço militar na libertação do país».

IRAQUE — Terminada a Guerra do Golfo, vencida pelas Forças Aliadas, começou, no interior do Iraque, a guerra dos revoltosos contra Saddam Hussein, no norte e no sul, e já se contam mais de 20 mil mortos. Exigem a deposição do tirano sanguinário que já empregou armas químicas contra os revoltosos. Com ele no poder, não é possível a paz e segurança na Região do Golfo e países Árabes.

KUWEIT — Registaram-se 33 mil desaparecidos, durante os 7 meses da invasão pelos iraquianos, às ordens do despota Hussein, um incendiário que deixou a arder cerca de 600 poços de petróleo, perdendo-se por dia, 6 milhões de barris de petróleo, e mandou despejar, nas águas do mar, onze milhões de barris de petróleo, com um gravíssimo perigo contra a saúde pública. Hussein, um monstro moral, no fim do século XX!

ALBÂNIA — Reina o terror! Mais de 50 mil pessoas, homens, mulheres e crianças, com a aparência de fugir à miséria económica do seu país, invadiram a Itália e outros países vizinhos, desesperadas, com fome, sem roupas, doentes, a dormir ao relento, sem encontrar quem as acolha. E muitos vêm-se obrigados a ser repatriados à miséria albanesa.

O duro comunismo que durante anos e anos imperou na Albânia deu este triste resultado. O mesmo irá acontecer em Cuba, hoje o único país marxista-leninista, stalinista existente no planeta Terra.

IRAQUE — Que resultados obteve Hussein com a invasão e tomada do KUWEIT?

O isolamento completo do Iraque, a exportação do seu petróleo reduzida a zero e às importações de bens essenciais a atingir valores mínimos, com todas as consequências previsíveis para um país dependente do exterior, em quase tudo.

Quanto à fabulosa fortuna do KUWEIT, o Iraque não tocou em 99% do total, investido e depositado no estrangeiro,

servindo assim, não para compensar o gigantesco risco, mas sim para financiar os custos da resposta.

GRAÇA — No dia 19 de Março, dia de S. José, teve lugar a desobriga quaresmal, com a comparência de seis sacerdotes, sob a direcção do Pároco, Sr. P.º João da Cruz Conceição. A Missa penitencial com as confissões e comunhões foi celebrada às 8.30 horas da noite.

Foram confessores os Rev.ºs P.ºs Escarupa, Daniel Antunes, António Antunes, Ramiro Moreira e Aníbal H. Coelho.

NODEIRINHO — O Rally e de Portugal passou no Alto dos Godinhos, em direcção a Campelo, com muita animação. Já terminou a volta, este ano disputada com muito mau tempo e por estradas difíceis.

O indiscutível vencedor foi o espanhol Carlos Sainz.

Em 10.º lugar ficou Carlos Bica, o melhor português, o campeão nacional.

Em Vale de Besteiros, uma «invasão» de espanhóis



aplaudiram o seu ídolo Carlos Sainz.

Devido às péssimas condições em que foi disputada esta competição, tornou-se uma das mais espectaculares de sempre

FIGUEIRÓ DOS VINHOS — No dia 14 de Janeiro, faleceu a Sr.ª D. Alzira das Neves Medeiros, de 70 anos, viúva de Manuel Mendes Medeiros, com loja de comércio no Largo à rectaguarda da Câmara Municipal. Era nossa boa assistente.

Paz à sua alma.

GOLFO PÉRSICO — Iraque aceitou por escrito as 12 condições impostas pela ONU para acabar a guerra que provocou e endeou contra os Aliados. E assim o Presidente da América suspendeu, às 0 horas do dia 28, último do mês de Fevereiro, contra o Iraque. O Iraque de Saddam Hussein ficou derrotado e condenado a pagar indemnizações pelos colossais estragos, ferimentos e mortes que causou. O Kuweit está libertado das garras do louco ditador.

Portugal vai tomar parte na reconstrução do país arruinado

do pela guerra, por intermédio de empresas portuguesas.

Vive-se agora num ambiente de tranquilidade e paz, por fim da «mãe das guerras». Os prisioneiros de guerra elevam-se a cerca de 50 mil, por parte do Iraque, e mortos outros tantos.

PEDRÓGÃO GRANDE —

Numa noite recente, a gatunagem assaltou o cemitério local e fez uma razia nos objectos de valor que encontraram sobre as campas e jazigos. Impõe-se uma vigilância séria por parte da autoridade policial.

Participação à Polícia Judiciária

Por lei, cada partido deve, no prazo de 60 dias a partir da proclamação oficial dos resultados eleitorais, prestar contas discriminadas da sua campanha, à Comissão Nacional de Eleições e fazê-las publicar num dos jornais mais lidos do País.

Não cumpriram a lei os oito partidos CDS, MDP/CDE, PC(R), PUS, UDP, PPM, PSR e MRPP. Já foram alvo de participação criminal à Polícia Judiciária. E houve condenações.

O PRD apresentou um saldo positivo de 2 milhões, 35 mil e 420 contos. Poupança na sua campanha mas obteve resultado desastroso eleitoral que se conhece.

O PS foi o mais gastador: 25 622 249\$60.

Em referência aos garfos velhos que foram arranjados no ferreiro, dizia em tempos Oliveira Salazar à governanta Maria: «Dantes comiam partidos. Agora comem soldados».

Ao pedido de Eleições antecipadas, formulado pelo PS, o Presidente da República recusou tal hipótese.

Está dentro da lógica.

Novos assinantes

Por intermédio do nosso bom assinante, Sr. Casimiro Silva Mequita, do Casal Novo, Pedrógão Pequeno, inscreveram-se como assinantes da «Voz da Graça», começando com o n.º 341 (Março de 1991), os Srs. José Antunes Nunes, de Viseu Fundeiro, e Luís M. Fernando Nunes, do Casal Novo, com pagamento de assinatura adiantado.

Os nossos agradecimentos. Também voltou a ser nosso assinante o Sr. Manuel de Jesus Godinho, de Atalaia Fundeira, Graça.

Mais pediram a assinatura da «Voz da Graça», os srs. P. Álvaro Vicente Lapa, do Seminário da Figueira da Foz; e Grumecindo de Anunciação Alexandre, da Palheira.

Bem hajam!

PORTUGAL NÃO TEM MÁSCARAS DE GÁS

Por hipótese, se Portugal fosse atacado por armas químicas semelhantes às que o Iraque diz possuir, morreriam milhares de portugueses, por ainda não possuírem máscaras de gás.

Todavia o governo afirma que tudo está sob controlo para nossa defesa. Uma ova. Talvez que eles estejam salvos, os do governo.

O próprio exército, concretamente a Brigada de Santa Margarida não possui máscaras, segundo consta.

Paga dívida

A C.M. do Porto resolveu ir pagar à EDP os 28 milhões de contos que lhe deve. Não faz mais do que é o seu dever!

Cartório Notarial de Pedrógão Grande

A cargo da 2.ª Ajudante, Leonilde da Conceição Fernandes Simões Dias Moreira

CERTIFICO, para fins de publicação, que por escritura de 25 de Janeiro de 1991, exarada de Fls. 21 v.º a 24, no Livro de Notas para escrituras Diversas n.º 316-A, deste Cartório, Maria Benvenida David Fernandes, solteira, maior, natural da freguesia e concelho de Pedrógão Grande, onde reside no lugar de vale do Barco, declarou:

Que é dona e legítima possuidora com exclusão de outrem do seguinte prédio situado na freguesia e concelho de Pedrógão Grande:

Um pinhal, sito na Casa da Eira, com a área de dois mil quatrocentos e trinta metros quadrados, a confrontar de norte com Dionísio da Cunha, sul, Hilário Fernandes Antunes, nascente, estrada e poente com Alberto Pereira Marques, inscrito na matriz sob o artigo rústico número 15 744, com o valor patrimonial de quatro mil e sessenta e seis escudos, omisso na Conservatória do Registo Predial de Pedrógão Grande e inscrito na respectiva matriz em

nome da primeira outorgante, e a que atribuem o valor de cento e trinta e cinco mil escudos.

Que possui o referido prédio em nome próprio e há mais de vinte anos sem a menor oposição de quem quer que seja desde o seu início sem intercepção e ostensivamente com o conhecimento da generalidade das pessoas da freguesia de Pedrógão Grande e freguesias vizinhas, posse traduzida em actos materiais de fruição, de marcação e defesa, cortando o mato, limpando os pinheiros, apanhando a resina, de boa fé, contínua, pacífica e pública, pelo que adquiriu o referido prédio por usucapião causa de aquisição que não pode comprovar-se pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Pedrógão Grande, 25 de Fevereiro de 1991.

O Ajudante,
(Assinatura ilegível)

ALVARES

Do «Dicionário Geográfico» do Padre Luís Cardoso, ano de 1747, arquivado na Torre do Tombo, consta a seguinte local:

«Alvares — Villa na Província da Beira, Bispado de Coimbra, Arcediado de Penella, Comarca da Villa de Thomar, da qual dista fez léguas para o Nascente. Tem trinta visinhos, e tem assente em hum ameno valle, entre huns oiteiros. Corre por junto della a grande ribeira de Linhel, que acaba em hum pequeno rio, a que chamão Unhaes, que se mete no Zézere. Tem termo seu que compeheende trinta e hum lugares que são os seguintes: Codeçal, donde toma o nome hum pequeno ribeiro que passa junta da povoação, e se mete na ribeira de Linhel, Lomba, Amioso Fundeiro, Mega Fundeira, Soute-linho, Foz, Carrasqueira, Casal Debaixo, Covão, Tulhas, Casal de Santa Margarida, Casalinho, Casal, Casal de Cima, Fonte Limpa, Coelhosa, Telhada, Algares, Simantorta, Amiosos, Casal Novo, Roda Cimeira, Roda Fundeira, Amioso Cimeiro, Amioso do Meyo, obras, Bouça, Carriçal, Mega de S. Domingos, Mega de Nossa Senhora e Matos.

A Igreja Paroquial desta Villa, de hum só nave, está fundada em hum ponta della que olha para o Norte. E seu Orago S. Matheus Apóstolo. Tem cinco Altares, com seus retabulos, e tribunas, revestidos de talha dourada ao moderno; no mayor está a Imagem do Santo Padroeiro os outros são dedicados ao Santíssimo, à Senhora do Rosário, a S. Joseph, e às Almas Santas. Tem sua torre, com dois sinos, quadrada, e pyramidal, que aferrmosea muito o corpo da Igreja. He Vigararia que apresenta o Reitor do Collegio Novo de Santo Agostinho da Cidade de Coimbra, do qual são os dízimos, e jugadas; e goza de grandes privilégios dos Reis passados que sempre forão confirmando os sucessores da Coroa; e tem de renda o Pároco vinte e quatro mil réis.

Na ponta que respeita ao Nascente, se vê hum Ermida de S. Sebastião, com sua Confraria; e

dentro da Villa se achão tres, hum de Nossa Senhora do Rosario; de Santo António, e S. Caetano as outras duas, que são de pessoas particulares.

O terreno he aspero, e montuoso; a gente he industriosa, é rica por trato, e agência, por ter poucas fazendas e estas constão de videiras emparreiradas, e searas de centeyo, e castanha que, secão em caniços ao fumo.

Produce também milho, e azeite; mas o principal contrato dos moradores he em lãas, e cera, porque ha na terra muitas cilhas de colmeas, e gado, de lãa e pello. A carne de porco desta terra he muito saborosa, pelos bons pastos que tem; como também pela mesma razão, os cabritos, e bodes castrados, de que ha na terra grande copia.

Consta serem todas as familias desta terra limpas, e não haver em toda a Villa, e termo pessoa de nação infecta.

Governa-se por Juiz ordinario, confirmado anualmente pelo Corregedor da Villa de Thomar, cabeça da Comarca.

Defronte da Matriz da Vila, ha hum fonte a que chamão de S. Matheus, cuja água he muito fria, e tem virtude especial contra o mal da opilação. Perto daqui começa a serra de Linhel que lançaremos no seu lugar, seguindo a nossa ordem alfabetica.»

NOTA DA REDACÇÃO:
Dedicamos esta nossa publicação ao Sr. P.º Ramiro Moreira, digno Pároco de Alvares.

P.º Aníbal M. Coelho

Abstenção a 100%

Sim, abstenção absoluta à eleição do Presidente a que é imposta aos nossos emigrantes, como se fossem ninguém na sociedade portuguesa. Eles que são quase 5 milhões.

E ao negar os direitos civicos a estes trabalhadores que tanto contribuem para a economia do país, esta República tem o desdouro de proclamar-se o Estado de Direito.

E costuma dizer o Presidente eleito que o é de todos os portugueses.

Olhe — uma figa é que é!

• •

Em Macau, nos 12 497 eleitos inscritos, Mário Soares colheu 1 993, o que lhe valeu uma vitória por 11%. Nada mau, pois a abstenção foi de 84,11%.

De "Consciência Nacional".

Morte súbita

Aconteceu em 2 de Março, na vila de Pedrógão Grande. Por cima do poço, no quintal, junto da sua casa de residência, há uma parreira.

Quando estava a podar a videira, e firmava os pés sobre as travessas de madeira já pôdre que cobriam a abertura do poço de água, o Sr. Albano Pereira Marques, casado, de 88 anos, caiu para o fundo do poço e teve morte instantânea.

O funeral realizou-se, no dia seguinte, para o cemitério local com grande acompanhamento.

HORAS COMPLICADAS!

A menina perguntou àquele sujeito, de ar melancólico e grave, que horas tinha.

O sujeito, o mais sério possível que se possa imaginar, respondeu:

— Menina, eu não tenho horas!

— Mas, retorquiu a menina, o senhor tem um relógio no pulso, não tem?

E, se tem um relógio no pulso e não me quer dizer as horas, é porque o seu relógio lhe serve apenas de adorno no pulso esquerdo, ou porque o dito relógio se encontra, naturalmente parado ou avariado e não marca horas certas, ou então, é porque o senhor deve ser um tremendo e avaro egoísta ao ponto de me não querer dizer que horas são.

— Menina, respondeu o interpelado senhor, o meu relógio, como a menina há pouco insinuou, não é apenas um mero vulgar objecto de adorno.

Poder-lhe-á parecer, à primeira vista que assim é, dado, a maioria das pessoas que usam relógio de pulso assim considerarem; o meu, não!

O meu relógio, também não está avariado, como aliás quis fazer supor a sua insidiosa observação de há pouco, pois trabalha perfeita e normalmente como o mais satisfeito dos relógios.

Também não sou o que a menina chamou de egoísta, por não lhe dizer as horas. É que, para eu ter de ser qualificado de egoísta, era necessário que, aliado ao epíteto, eu estivesse, real e terminantemente decidido a recusar-lhe algo que fosse estritamente meu.

A menina perguntou-me que horas é que eu tinha; ora eu, como não tenho horas, não há nada, nem ninguém, que me obrigue a dar aquilo que eu não tenho.

Sendo assim, eu não posso ser considerado egoísta.

Disse-me ainda a menina que, tendo eu um relógio de pulso e não lhe dizer as horas, quando as pediu, é porque o mesmo devia estar avariado.

Nesse caso, para que serve ao homem andar provido de um objecto do qual dele não faz uso e que não tem, por assim dizer, a mais ínfima utilidade?

Usa-o apenas para fazer vista? Não!

Isso, é, quanto a mim, sinónimo de snobismo e de vaidade.

Eu penso que na vida, tudo o que usamos, tem de ter um sentido absolutamente prático e utilitário, sem o que, tudo o mais, se tornaria em algo de prescindível e inútil.

Portanto, não vejo aqui, razão para o seu reparo e desabafo de há pouco.

ANTIGUIDADE

A Floresta mais antiga do Planeta é a dos Andes, na América do Sul, onde há árvores que contam mais de quatro mil e trezentos anos.

Repare menina, ao perguntar-me que horas é que eu tinha, a menina fez nascer no meu subconsciente um terrível, embaraçoso e complicado dilema que deu origem a colocar o meu ego numa situação delicada, dado que se me torna absolutamente difícil responder concretamente à sua pergunta.

Eu não sou e, repare bem naquilo que digo, não sou relógio; sou um ser humano feito de carne, nervos, ossos, músculos e sangue. Fui feito assim e, assim continuarei a ser enquanto for vivo.

Por conseguinte, eu não dou horas, eu não tenho horas!

Causa admiração

Nuno Abecassis já dexou de ser presidente da C. M. de Lisboa há mais de um ano.

No entanto, continua a receber, como tal, imensa correspondência do estrangeiro, desde presonalidades a organizações internacionais.

Tem pois razão para andar intrigadíssimo.

Parece que, lá fora, Jorge Sampaio é um ilustre desconhecido.

APARTAMENTO

Espaçoso e mobilado, c/ marquise em alumínio, tipo To, sito na Reboleira Sul, a 500 metros do centro da Amadora, próximo da estação de comboio de Amadora ou Damaia.

Vende-se pela melhor oferta. Contacte pelo Telef. (074) 99405 — Cernache do Bonjardim. (D. Maria do Carmo Matias).

Armando David

Quem tem realmente horas e, isso é incontestavelmente indiscutível, é apenas, o meu relógio de pulso!...

Portugal ficou de fora

Kuwait agradeceu aos membros das Forças Aliadas, incluindo Espanha, Holanda e Alemanha a sua contribuição na luta pela sua independência. Mas referências a Portugal, nem vê-las.

E Portugal cedeu bases e meios navais à coligação, incluindo direitos de passagem de aviões de combate pelas Lages, Montijo e Beja a aviões transportadores de mísseis para a frente de batalha.

Portugal pôs à disposição um navio de carga de armas e munições (o S. Miguel), e uma fragata anti-submarina (Sacadura Cabral), para o Mediterrâneo. Na lista dos 30 países que integraram a Coligação das Nações Unidas, Portugal foi omitido. Porquê? Será por causa de Mário Soares com Arafat?

Albino Simões Pereira

PNEUS MABOR
ÓLEOS CASTROL
COMÉRCIO GERAL

Largo do Encontro
Telefone 4 51 21

3270 Pedrógão Grande

Novo Engenheiro



No dia 14 de Dezembro de 1990, terminou o seu curso de Engenheiro, com alta classificação, o Sr. Vítor Manuel Pires Dinis, filho do Sr. João Dinis e da Sr.ª D. Maria Eugénia Alexandre Pires, da Palheira, Castanheira de Pera, sobrinho e afilhado do nosso velho assinante, Sr. Alfredo Alexandre Pires. Já se encontra empregado, na Colvilha.

"Voz da Graça" apresenta-lhes sinceros parabéns e votos de um feliz futuro.



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PROPORCIONA-LHE AGORA GRATUITAMENTE:

- Seguro Depositante, que abrange os riscos de Morte e Invalidez Permanente
- Abertura de conta poupança aos recém-nascidos na área de jurisdição desta Caixa
- Elaboração de projectos para obtenção de ajudas Comunitárias

ATENDIMENTO PERSONALIZADO NA RESOLUÇÃO DOS SEUS PROBLEMAS

DEPÓSITOS À ORDEM E A PRAZO
As melhores Taxas de Juro do Mercado

CONSULTE OS NOSSOS BALCÕES:

- Rua Luís Quaresma Vale do Rio — Figueiró dos Vinhos
- Rua José Ribeiro Carvalho — Cabaços (Alvaiázere)
- Rua Dr. José Jacinto Nunes — Pedrógão Grande

O NOSSO CORREIO

Desde 20 de Fevereiro até 18 de Março de 1991, registámos as seguintes verbas de assinaturas da «Voz da Graça», com os nossos sinceros agradecimentos:

Com 7.634\$00 — Sr. David Maria Nunes, Holanda.

Com 5.000\$00 — Sr. Augusto Jesus Simões, Escalos Fundeiros.

Com 2.500\$00 — Srs. Juvenal Lopes Fainha Costa, de Póvoa de Santa Iria; José Maria Fernandes, Alge, Campelo.

Com 1.500\$00 — Srs. Jorge Alfredo Carvalho David, Castanheira de Pera; Grumecindo José Jorge, Corroios; António Morais, Lisboa; Alexandre Mendes da Silva, Madeira.

Com 1.200\$00 — Sr. Álvaro dos Santos, Várzeas.

Com 1.150\$00 — Sr. José Abreu, Bairão.

Com 1.100\$00 — Srs. Manuel Simões Telhada Rijo, Casal da Francisca; Manuel Santos Oliveira, Casal dos Ferreiros.

Com 1.000\$00 — Srs. José Maria Pereira, Vale do Barco; Manuel Dinis de Carvalho, Várzeas; Hilário Coelho Luís; Manuel da Silva Beta, Atalaia Cimeira; António Fernando Simões, Pesos Cimeiros; Fernando dos Santos, Lavandeira; Alcides Martins Coelho, Colmeal; Ângelo M. Henriques, Tapada da Marcela; D. Laurinda Lourenço Alves, P. Grande; D. Idalina Pires Ferreira Brandão, Pedrógão Grande; D. Clementina Lourenço Alves, Pedrógão Grande; Emídio da Conceição Francisco, Ramalho; Lúcio Lopes dos Santos, Figueiró dos Vinhos; António Fernandes, Moscardide; Francisco Fernandes David, França; Alexandrino Almeida Coelho, Ervideira; D. Maria da Encarnação Reis das Neves, Lisboa.

Com 700\$00 — D. Maria Ezequiel H. Pereira, Pedrógão; Fernanda David Carvalho Silva, Pedrógão Grande.

Com 600\$00 — Srs. Álvaro J.

Conceição Nunes, Atalaia Fundeira; António Conceição Mendes, Pombal; Manuel de Jesus Antunes, Graça; António Francisco, Marinha; Mário de Jesus Fonseca, Marinha; Daniel Tomé, Amioso Fundeiro; D. Emília da Conceição Martins Alves, Pedrógão Grande.

Com 500\$00 — Srs. Diamantino Maria Dinis Pereira, Cotovia; Aucides Coelho Simões, Pé da Lomba; Avelino Fonseca, Atalaia Fundeira; D. Idalina de Jesus Fernandes Costa, Maças de D. Maria; Manuel dos Santos, Graça, Menina Maria Adélia Santos Antunes, Pereira; Manuel Alves de Carvalho, Vila Facaia; P.º António Francisco Cardoso, Febres; Américo Maria Simões, Pesos Cimeiros; Artur Coelho, Escalos do Meio; Joaquim Lourenço dos Santos, Campelos; António Tomás, Escalos do Meio; Rui Manuel Gomes, Ervideira; Joaquim Matias, Coelho, Mário Paiva de Carvalho, Marinha; Augusto Antunes da Fonseca, Barraca; D. Aurora das Neves Carvalho, Ramalho; D. Maria Rosa Alves da Silva, Alagoa; António de Jesus Lopes, Aldeia de Ana de Avis; Serafim Alves, Vale das Figueiras, Manuel Santos Conceição, Soalheira; D. Lucília

Maria Coelho Santos, Casal Velho; D. Maria Assunção Oliveira Ferreira Cardoso, Cascais; Hilário Luís, Agria; Carlos Alves Pedroso, Escalos do Meio; António Manteigas, Pedrógão Grande; Manuel Marques Santos, Sarnadas; Adelino Lage Antunes, Derreada Fundeira; Abílio Conceição Francisco Moreira, Cume; Adrião Marques Carpinteiro, Troviscais Fundeiros; Carlos Alberto Jordão Fernandes, Buraca; José Henriques Júnior, Nodeirinho; José Crisóstomo Coelho, Atalaia Cimeira; D. Maria Irene Pereira, Troviscais Fundeiros; Fernando Pascoal, Pedrógão Grande; Álvaro da Guia, Ervideira; António Antunes Barra, Vale da Galega; Ramiro Lopes, Aldeia das Freiras; Domingos Simões Brás, Arega; Manuel Lourenço, Pedrógão Grande; D. Maria de Lurdes dos Santos Conceição, Estoril; Joaquim de Jesus Miranda, Aldeia de Ana de Avis; Aníbal Medeiros, Figueiró dos Vinhos; João da Conceição Henriques da Costa, Carapinhal; Domingos da Conceição Francisco, Aldeia das Freiras; José Campos Luís, Derreada Cimeira; José Lopes, Outão; Júlio Moreira Fernandes Antunes, Montijo; Joaquim Costa Simões Nunes, Dórdio; João Antão Barata, Amioso Fundeiro e D. Maria do Carmo Almeida, Castanheira de Pera.

Falecimento em Lisboa

No dia 13 de Março de 1991, faleceu, em Lisboa, o nosso assinante, Sr. Alfredo Augusto Coelho, natural do lugar das Várzeas, Vila Facaia, casado com a Sr.ª D. Florência Rosa de Carvalho, esta natural de Nodeirinho.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Vila Facaia.

No dia 13 de Abril, foi celebrada Missa de 30.º dia, na Capela de Nodeirinho.

FRATERNIDADE...

*Sou pobre, não me importo de aceitar
O pouco ou muito que me queiram dar
Quando a quem dê não cause prejuízo.
Vivo isolado e triste, tão sozinho
Que busco amor, peço carinho,
Ternura, compreensão...
Que é tudo o que preciso
Para aquecer o coração.
A quem não tenha nada que me dar,
A pequenina esmola de um sorriso,
Um gesto meigo, um terno olhar,
São tudo o que necessito
Para tr ao Céu buscar consolação
Para a minha cansada solidão
E acabar a voz do Paraíso
A levar longe o eco do meu grito!...
O grande mal da humanidade
Provém de cada um querer só para si
O que de todos é, e Deus nos deu,
Não saber repartir, não saber dar...
O mal de todos nós nos vem de aí,
De aí também o não haver fraternidade
Como Cristo a pregou subindo ao Céu,
Nem esperança ou fé de a encontrar!...*

Francisco Pires

Os Papas da Igreja



93 — SÃO PAULO I

Nasceu em Roma. Eleito a 29.V.757, morreu a 28.VI.767. Favoreceu a união com a Igreja grega. Visitava as prisões e resgatava os detidos condenados por culpas. Descobriu os restos de Santa Petrinilla que segundo a lenda foi filha de S. Pedro.



94 — ESTEVÃO III

Nasceu na Sicília. Eleito a 7.VIII.768. Morreu a 24.I.772. Precedido por dois antipapas, continuou imediatamente a ordem criada por eles. Deu um caminho correcto a Carlos Magno. Rei dos Francos e ajudou os cristãos da Palestina.

Os Meninos da Catequese

Todos os conhecemos, habitualmente aos Domingos, à roda dos catequistas, com o Catecismo debaixo do braço, à espera que a boa semente germine e cresça nas suas Almas de cristãos baptizados, através da Palavra e, sobretudo, do bom exemplo.

Na verdade, o bom exemplo deve proceder dos mais velhos — os pais e padrinhos, dos mais responsáveis pela sua orientação cristã — os párocos e catequistas e da comunidade em geral, como todos estamos, aliás, de acordo e é norma estabelecida pelos Cânones 773, 774 e seguintes, do Código de Direito Canónico.

Mas a teoria dos preceitos é uma coisa e a assumpção de responsabilidades pelo comportamento dos catecúmenos é outra bem diferente e algo contraditória daquilo que se julga devem aprender à luz dos Mandamentos da Igreja: é que quase todos os domingos, depois das aulas da Catequese, quer na Graça, quer em Vila Facaia, os miúdos deambulam e brincam alegremente à volta da Igreja, precisamente à hora da Santa Missa, não participando nela e tornando-se até elementos perturbadores do silêncio dos espaços envolventes! Que péssimo exemplo dão estas crianças!...

Perante tão tristes factos, não é descabido perguntar: De quem é a culpa? O que afinal lhes ensinam na Catequese? Ou será que os Meninos da Catequese não têm obrigação de assistir à Santa Missa e participar do Sacramento da Comunhão?...

Que Deus nos valha a todos!

P. G.

CASO GRAVE de intoxicação

Aconteceu na noite de 6 para 7 de Fevereiro de 1991, numa casa de habitação do casal, nos arredores da Vila de Pedrógão Grande, na Rua da Cotovia.

Por falta de cuidado e prevenção, colocaram no quarto, um fogão a lenha. Na manhã de 7 de Fevereiro, deu-se pela falta de comparência no emprego por parte do casal. Então foram imediatamente a casa do casal ver o que se passava. Ambos, marido e esposa, foram encontrados no estado de intoxicados pelo dióxido de carbono. De imediato, foi dado o alarme aos bombeiros. Mas houve o azar de nenhuma das ambulâncias estar equipada para socorrer este caso. As duas ambulâncias equipadas que havia, tinham já saído, uma para certa consulta e outra para socorro de urgência a uma pessoa que tinha cortado as pernas, com uma motosserra. Havia porém as outras que não estavam equipadas. Veio uma delas transportar os intoxicados para o Centro de Saúde, onde os intoxicados durante cerca de uma hora, foram assistidos. Faltava o oxigénio e não havia uma chave para abrir nova garrafa. Foi pedida aos bombeiros. O Centro telefonou para os Bombeiros de Castanheira de

Pera, a pedir uma ambulância devidamente equipada que não demorou a chegar. E foi a sorte dos intoxicados. Aliás teria morrido pelo menos o intoxicado. Mas que dia de azar!

Muitas vezes não há responsabilidades. Não poderia de futuro um enfermeiro acompanhar o doente ao Hospital?

Diamantino Pereira

DESMENTIDO

O semanário «O Jornal», de Lisboa, publicou, em primeira página:

«O Bispo de Timor-Leste morreu à fome». Morreu num hospital de Lisboa, e ninguém morreu de fome nos hospitais.

Porém a Conferência Episcopal Portuguesa considerou «injuriosos» o título com um breve comentário do dito semanário, sobre a morte de Monsenhor Martinho da Costa Lopes, antigo Bispo de Timor-Leste, e considera «obrigação sua denunciar tais afirmações como falsas e tendenciosas». Semanas antes de falecer, o referido Bispo tinha recebido da Santa Sé uma verba de algumas centenas de contos.

ARMAS QUÍMICAS DO IRAQUE

Nunca apareceram na Guerra do Golfo. Patrulhas de longo raio de acção do Exército do EUA terão descoberto dois «bunkers», perto da cidade do KUWEIT, repletos de granadas de artilharia com gás de mostarda e o agente de nervos, conhecimento como Sarin. Estes tóxicos não foram, porém, usados pelas forças de Bagdad.

Porquê?

Em primeiro lugar, os primeiros depósitos e fábricas de químicos, bem como peças de artilharia de longo alcance, com capacidade para os lançar, foram destruídos pela guerra aérea. Por outro lado, a imobilização/inutilização da força aérea do Iraque impediu o uso de bombas químicas. Em terceiro lugar, quando começou a guerra terrestre mudaram os ventos numa direcção desfavorável aos soldados iraquianos. Em quarto lugar, o avanço das forças terrestres aliadas impediu o uso eficaz de armas químicas. E ainda, o lançamento de panfletos pelos americanos, avisando para as consequências de um ataque químico, terão dado resultado, sob o ponto de vista psicológico.

E é ainda o valor psicológico que está patente, quando se faz o balanço final desta guerra estranha.